MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues – nº 48 – 2º andar
2004 nº 242

A "MORTE" DO POTEZ A -116, EM GUARATINGUETÁ

(Revolução Constitucionalista de 1 932)

Desde o dia em que assumiu o comando do 1º Grupo de Aviação Constitucionalista, grupo que era chamado de "OS GAVIÕES DE PENACHO", o Major da Aviação Militar, Augusto Lysias Rodrigues escolheu como o "seu avião", o POTEZ 25 TOE, de nº A-116.

Com este avião, o Major Lysias executou missões de bombardeio e perseguição a aviões inimigos (os chamados "vermelhinhos"), ou seja do governo de Getúlio Vargas, na Revolução de 1 932.

A última dessas missões , com o A - 116, foi realizada em Cunha, num lugar conhecido como "O ESPIGÃO DO DIVINO MESTRE", que os paulistas precisavam tomar, para dominarem a subida de Paraty.,

A missão foi bem sucedida, com o bombardeio do acampamento do inimigo e com os paulistas tomando por terra, o Espigão do Divino Mestre, aproveitando o caminho aberto pela aviação.

Após esta missão, os aviões do grupo que era denominado "Gaviões de Penacho" vieram aterrar em Guará, pois Lysias considerava o campo (Hipódromo do Juca Nabo) melhor do que o de Lorena onde eles ficavam normalmente e de onde haviam decolado. Quando chegaram as notícias de que o "Espigão do Divino Mestre" fora tomado e que muito armamento e munições tinham sido apreendidos, os aviadores dirigiram-se ao hotel, para tomar seu banho e foram para o merecido descanso.

Porém, neste mesmo dia aconteceria um fato que marcaria os "Gaviões de Penacho".

O telefone chamou um dos oficiais e informou que cinco aviões inimigos passaram sobre Cachoeira, rumo oeste. Não havia tempo para os "Gaviões" se vestirem, chegarem ao campo e decolarem. Eles correram para lá de carro, mas quando chegaram ao campo, o bombardeio já começara. As bombas caíam no campo, porém sem perigo para os aviões. Pilotos e mecânicos estavam até achando graça. Já alguns aviões se afastavam, quando, segundo o Major Lysias , por um

erro, uma bomba se extraviou , foi cair muito longe das outras, e por infelicidade, caiu sobre o Potez do Comandante, o POTEZ A -116, que imediatamente se incendiou levantando uma chama imensa.

Segundo Lysias : *"As metralhadoras da defesa do campo silenciaram ! Os aviões afastaram-se! E no silêncio profundo que se fez, como uma homenagem muda ao bravo combatente que se incinera, só um crepitar se ouve: o da munição das metralhadoras, que explodem dando a salva de funeral!."* [1]

A maioria dos grandes aviadores trata seu avião como se fosse um amigo.

É o que escreveram Richard Bach, aviador americano, autor de vários livros, tais como "Fernão Capelo Gaivota", "Biplano", "O dom de Voar" , "Nada por acaso", etc.; Antoine de Saint-Exupéry, grande aviador francês, que morreu na segunda grande guerra, autor, entre outros, de : "O Pequeno Príncipe", "Terra dos Homens"; Pierre Clostermann, o grande ás francês (que nasceu em Curitiba, no Brasil), também da segunda grande guerra, autor dos livros : "O Grande Circo" (Memórias de um piloto francês de caça, na R. A. F.) e "Fogo no Céu". Este é o depoimento de Pierre Clostermann, após apresentar seu pedido de desmobilização imediata, depois de terminada a Segunda Grande Guerra, sobre o seu querido avião o "Grand Charles": *"Para dirigir-me ao Quartel- General de Schleswig quis voar no "Grand Charles". E, ao regressar, levei-o muito alto, neste céu de verão, sem nuvens, porque só aí poderia dizer-lhe adeus.*

Juntos, subimos pela última vez, como um foguete, reto em direção ao sol. Fizemos um looping – dois, talvez- alguns tonneaux bem lentos, esmerados, amorosos, para que eu pudesse levar nos dedos a vibração de suas asas obedientes e dóceis.

E chorei, no "cockpit" estreito, - como creio que jamais chorarei – quando senti as rodas roçarem o cimento da pista, onde num último gesto, pousei-o como uma flor que se corta.

Como sempre , acelerei o motor para limpá-lo , desliguei, um por um os contatos, apaguei as lâmpadas do painel de bordo, retirei as correias, os fios e os tubos que a ele me prendiam, como uma criança à sua mãe. Quando os pilotos e mecânicos que me esperavam viram-me, com a cabeça inclinada e os ombros agitados convulsivamente pelos soluços, compreenderam e voltaram silenciosos para o dispersal (dispersão)."[2].

Também o Major Lysias assim se expressou , com respeito ao seu avião incendiado em Guaratinguetá: *"Perder um amigo, sente-se; mas, perder o avião no qual se voa, no qual se combate, o avião que nos alegrou, que nos salvou a vida, que nos compreendia, que, nos obedecia cegamente, é muito é tudo.! Dói na*

alma" Foi o primeiro avião que eles nos destruíram, mas será o único!."Morrera bravamente o 116! Encerrara sua missão com o fecho de ouro do Espigão do Divino Mestre! "[3]

Ainda, no seu livro "Gaviões de Penacho", o Major Lysias assim se expressou sobre a perda do primeiro e único avião destruído pelos inimigos: *"E enquanto o 116 acabava de arder, havia nos olhos de todos lágrimas sinceras. Como a afrontar o próprio fogo, a empenagem verde e amarela rebrilhava ao sol poente, a afirmar simbolicamente que de todo esse incêndio a nacionalidade sairia ilesa!"*

E no lusco-fusco da tarde, o letreiro Potez TOE, sobre o verde amarelo da empenagem, sobressaía com nitidez, como em nossos corações sobressaía o desejo de um Brasil melhor, mais digno!".

Este amor pelos aviões, nos conta Lysias , ainda no episódio do "Espigão do Divino Mestre", se estendia aos mecânicos e serventes. Assim ele se pronunciou: *"É interessante notar-se o amor que os mecânicos e serventes tinham pelos aviões! Nunca nenhum deles se preocupou com sua segurança pessoal! Durante os bombardeios, eles ficavam com os corações nas mãos, como os oficiais, por causa dos aviões! Eram tão poucos!" Não sei se em outras aviações se dá o mesmo. É bem possível.".."*



Foto do A-116, extraída do Livro Virtual : Escola de Aviação Militar, do Brigadeiro R/R Carlos G.S. Porto (com autorização do autor).

BIBLIOGRAFIA:

[1] - **Rodrigues**, Lysias Augusto C. : Gaviões de Penacho – Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica – INCAER; Editora Luzes Comunicação, Arte & Cultura – Rio de Janeiro – RJ ; 2 000.

[2] - **Clostermann**, Pierre: O Grande Circo (Memórias de um piloto francês de caça na R.A.F) - Livraria Editora Flamboyant – 1 966.

[3] - Idem n° [1]

oooOooo



Foto Extraída do "site" "reservaer.com.br"

Major Lysias Augusto C. Rodrigues, Comandante do 1° Grupo de Caças, das Forças Paulistas, grupo este, conhecido como "Os Gaviões de Penacho", na Revolução Constitucionalista de 1 932. Foi um dos oficiais que se destacaram no movimento para a criação do Ministério da Aeronáutica. Pioneiro do antigo CAM (Correio Aéreo Militar). Em 1 931, fez, com dois civis ligados à aviação, o estudo da Rota Rio-Belém , pelo interior, uma missão que durou 52 dias, tendo usado como meio de transporte, avião, trem, automóvel, cavalo, canoa, lancha, batelão, e até os próprios pés. Mais tarde, em 1 935, realizou a primeira viagem do CAM, de avião, na Rota Rio-Belém-Tocantins, com a duração de apenas três dias.

Participou, na Revolução de 1 932, de missões aéreas, de bombardeio e de combate, tendo abatido um avião das forças legalistas, do Governo Federal.

Lysias, nasceu no Rio de Janeiro (antigo distrito Federal), em 23 de junho de 1 896. Faleceu, como Major-Brigadeiro-do-Ar da Aeronáutica, no Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1 957.

Paulo Roberto Meirelles
Licenciado em História do Brasil, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena - Membro Honorário da Força Aérea Brasileira - FAB